

# As cidades na 'era da reproduzibili- dade Técnica'

O texto seminal de Walter Benjamin (1892-1940) sobre reprodutibilidade da obra de arte<sup>1</sup>, lançava, em 1936, uma consciência analítica sobre os processos mecânicos de fixação de imagens. Neste ensaio, a fotografia representa e configura a base de questionamento de Benjamin face à perda da aura inerente à reprodução das imagens, subvertendo o primado original que, ao longo dos séculos, era intrínseco à representação artística. De modo clarividente, Benjamin lançava um juízo crítico face às premissas de um tempo novo e à inevitabilidade de uma nova ordem.

Este confronto entre arte e técnica, corresponde a uma progressiva superação da tradição, abrindo, com referia o próprio Benjamin, um quadro de crise na renovação da humanidade, que se estende ao próprio pensamento urbano o qual, nos seus processos acelerados de crescimento, reproduziu modelos universais, sem equacionar a falência de um desenvolvimento urbano suportado em parâmetros expansionistas.

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter (1936) 'A Obra de Arte na Época da Sua Reprodutibilidade Técnica', in BARRENTO, João (coord.) (2007) *Walter Benjamin - A modernidade*, Assirio & Alvim, Lisboa, .

Este esgotamento corresponde nas cidades contemporâneas à eclosão uma consciência pós-industrial<sup>2</sup>, subsidiária do aumento exponencial das oportunidades geradas pela tecnologia da informação e pela consequente itinerância das unidades de produção na esfera do mundo global. Por estas razões, o actual desenvolvimento das cidades no mundo ocidental, passou a depender, não da sua capacidade de produção de bens tangíveis, como ocorria até meados do século XX, mas da sua capacidade criativa e de difusão de conhecimento - matérias primas fundamentais para alicerçarem o preponderante sector terciário.

Este facto torna-se evidente no limiar do século XXI, através de uma valorização acrescida dos centros históricos das cidades que se estende, em regra, às suas coroas urbanas oitocentistas (delimitadas pelas primeiros anéis rodoviários) e integrando áreas industriais desactivadas. Este território central, definido por Solà-Morales (1942-2001) como 'cidade Capital'<sup>3</sup>, aludindo à afirmação da Paris haussamniana representada por Benjamin no livro das Passagens (*Das Passagen Werk*), assume protagonismo no período contemporâneo. É neste perímetro que se concentra e que se aglutina a maior parte do investimento público e privado, em iniciativas de reabilitação e de revalorização patrimonial.

Esta área estabilizada na sua estrutura tipológica, corresponde à articulação entre o traçado das avenidas e as estruturas urbana pré-modernas, integrando, aos dias de hoje, a possibilidade de recriação iconográfica necessária à afirmação das cidades no plano global. A dimensão monumental dos edifícios, a especificidade geomorfológica dos sítios e a sedimentação das camadas de temporais, são os argumentos fundamentais deste processo, contribuindo para a inversão do abandono dos centros urbanos e para o aumento exponencial do valor da propriedade nesses territórios.

O poder do tempo é, tal como explicita Gerog Simmel (1858-1918), uma das condições fundamentais ao encantamento das cidades e para a sua consequente valorização. Tal como referia no seu ensaio sobre Roma, somente as 'cidades antigas, crescidas sem um plano premeditado,

---

<sup>2</sup> Cf. Bell, Daniel (1976) *Coming of Post Industrial Society: A Venture in Social Forecasting*, Basic Books, Nova Iorque.

<sup>3</sup> Solà-Morales, Ignasi (1994) 'Representaciones: de la ciudad-capital a la metropolis' in Solà-Morales, Ignasi (2006) *Territórios*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona.

[podem oferecer] conteúdo à forma estética'<sup>4</sup>, e como tal encerrarem na sua estrutura especificidade morfológica e expressão identitária.

Neste sentido a concepção policêntrica que orientou as políticas metropolitanas no período pós-moderno, encontra no momento contemporâneo uma alteração profunda, baseada numa articulação cada vez mais complexa entre centro e periferia, pressupondo em muitos casos o regresso a um neo-positivismo que concentra nas centros históricos e na 'cidade capital' as oportunidades de acesso à cultura, à fruição qualitativa do espaço público e à partilha social, procurando-se por esta via resgatar a 'aura' subjacente à unicidade destes territórios. Esta delimitação, pressupõe, no entanto a abertura de um conflito resultante do efeito segregador que se traduz na dificuldade de acesso ao centro, e à condição cívica que lhe está subjacente.

Os romanos chamavam *limitanei* aos habitantes de *Limes*. Constituíam o sector fronteiriço do exército que acampava no *Limes* do território imperial, apoderando-se desse espaço, dedicavam-se tanto a defendê-lo como a cultivá-lo. Em virtude deste duplo trabalho militar e agrícola o *Limes* possuía plena consistência territorial, definindo o império como um gigantesco cerco que essa franja habitada e cultivada delimitava sempre de modo precário e mutante. Para lá dessa circunscrição falava-se da eterna ameaça dos estrangeiros, estranhos, ou bárbaros. Estes, por sua vez, sentiam-se atraídos por essa franja habitável, cultivável que lhes abria o possível acesso à condição cívica, civilizada, do habitante do império.

Robert Fossier 'La Edad Media' in Eugénio Trias *Lógica del Límite*, Ensayos/Destino, Barcelona, 1991, p. 15 (tradução livre Paulo Tormenta Pinto)

Lisboa, Setembro de 2016

Paulo Tormenta Pinto

---

<sup>4</sup> SIMMEL, Georg (1898) 'Roma. Uma Análise Estética', in FORTUNA, Carlos (2010) *Simmel - Estética da Cidade*, Imprensa da Universidade Coimbra.